

DIÁLOGOS SOBRE SOFRIMENTO PSÍQUICO DE MULHERES NAS LITERATURAS AFRICANAS E AFRO-DIÁSPORICAS

Prezados leitores e leitoras da Revista Norte@mentos:

O volume 17, número 48, da Revista de Letras Norte@mentos, apresenta o Dossiê Temático “Acolhimento, discussão e combate do sofrimento psíquico de mulheres em textos narrativos e poéticos das literaturas africanas de língua portuguesa e nas literaturas afro-diaspóricas”, organizado pelos professores Dr. Jesuino Arvelino Pinto (UNEMAT), Dra Luciana Brandão Leal (UFV) e Maria Teresa Salgado (UFRJ) .

A partir de estudos sobre a mulher e da literatura produzida por mulheres africanas e afro-diaspóricas, esta chamada acolheu artigos, ensaios e entrevistas desenvolvidos campo das literaturas africanas de língua portuguesa e afro-brasileira, com destaque para obras cujas temáticas revelam o sofrimento psíquico feminino, tanto em manifestações de textos narrativos e/ou poéticos. Acolhemos, também, textos cujos discursos privilegiam outros movimentos emancipatórios protagonizados por mulheres contra diversos mecanismos de opressão.

Os estudos de textos literários – tanto na poesia quanto na prosa – escritos nos espaços de língua portuguesa contribuem para denunciar, desconstruir e reconfigurar o lugar subalterno e de sofrimento imposto a mulheres, sobretudo quando se trata de vozes de países que foram colonizados, como Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Brasil.

No contrafluxo dos traumas e das assimetrias de poderes, cada vez mais se torna visível, na cena do debate público e da circulação das produções artístico-verbais, a agência do movimento em rede protagonizado por mulheres, em especial por mulheres negras, em suas pluralidades, que articulam variáveis de gênero, raça e classe, na esteira do proposto por Angela Davis e bell hooks. Elencamos tais pensadoras/es apenas como um ponto de partida para a discussão, uma vez que acreditamos que o sofrimento das mulheres negras se desenvolve, muitas vezes, na esteira do racismo. Nosso objetivo,

Revista de Letras Norte@mentos

8

Dossiê Temático “Acolhimento, discussão e combate do sofrimento psíquico de mulheres em textos narrativos e poéticos das literaturas africanas de língua portuguesa e nas literaturas afro-diaspóricas”, Sinop, v. 17, n. 48, p. 8-15, jun. 2024.

contudo, é ampliar, tanto quanto possível, a discussão sobre como a escrita literária de autoria feminina vem promovendo reflexões sobre o adoecimento psíquico e suas complexidades na contemporaneidade.

Articulando questões que abarcam problemáticas sobre território, corpo, poder, abre-se espaço para debates que abordam a escrita literária como criação performática, práxis de cidadania e ação política. O corpo e a voz protagonista da mulher, encenados em suas produções artísticas, problematizam e iluminam estratégias de subversão de antigas estruturas de poder arraigadas em diferentes sociedades ao longo do tempo, no continente africano, no Brasil e em outros territórios da diáspora. Destacam-se, assim, os saberes produzidos por escritoras-intelectuais, cujas obras e engajamento, na cena pública da circulação de ideias, também contribuem para a construção de um contra olhar sobre a teoria social produzida e reconhecida pelos centros hegemônicos, a exemplo do trabalho teórico produzido por intelectuais afro-diaspóricas, como Sueli Carneiro, Lelia González, Beatriz Nascimento, Neusa Santos Souza, Jurema Werneck, Dina Salústio, Conceição Lima e tantas outras.

Este Dossiê oferece à leitura quatorze artigos e uma resenha, que contemplam estudos e pesquisas de obras das literaturas nacional e estrangeira, de pesquisadores de diversas Instituições de Ensino Superior do país, apresentando enfoques de diferentes gêneros literários, sob a perspectiva teórica e crítica da literatura e do comparatismo.

Embora o foco desta revista sejam textos provenientes das literaturas africanas de língua portuguesa e afro-brasileira, o dossiê acolhe as reflexões das pesquisadoras Maria Teresa Salgado (UFRJ) e Vima Lia de Rossi Martin (USP) que tratam, especificamente, sobre o sofrimento psíquico feminino. No artigo “Agonia de Eros em uma leitura de contos de Teolinda Gersão”, analisam a obra *Alice e outras mulheres*, da escritora portuguesa Teolinda Gersão, uma das vozes de maior destaque da ficção portuguesa pós-25 de abril, refletindo sobre o feminino como “um problema complexo”. As autoras salientam que, ao longo das narrativas, o amor tem cada vez menos espaço nas relações, assim como a possibilidade de encontro com o outro na experiência erótica. Consequentemente, a depressão e o sofrimento psíquico vão ganhando lugar em

quase todas as narrativas, revelando-se como consequências de nossa incapacidade de lidar com a alteridade.

No artigo de Luciana Brandão Leal (UFV) e Fernanda Oliveira da Silva (UFRJ), intitulado “Maria Manuela Margarido: do sofrimento psíquico individual à resistência ao trauma coletivo” as autoras estudam poemas de Maria Manuela Margarido, escritora santomense que viveu por longo período em Portugal e participou ativamente dos debates e reflexões da Casa dos Estudantes do Império. As articulistas evidenciam que a obra de Maria Manuela Margarido não se limita a um eixo temático exclusivo, destacando como a sua produção literária é plural e diversificada, modificando-se conforme experiências vividas e reflexões sobre o continente africano; especialmente, sobre a realidade santomense. Além disso, ressaltam que a sua poesia tem apelos subjetivos e coletivos, possibilitando debater, a partir dela, sofrimentos psíquico individual e social.

Jesuino Arvelino Pinto (UNEMAT), Carlos Alexandre Manoel (UNEMAT) e Suelen de Sousa Tessari (UNEMAT) assinam o texto “Um defeito de cor: o memorial de Kehinde”, em que propõem reflexões sobre a literatura afro-brasileira, a partir do romance *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, enfatizando a recuperação da memória coletiva como estratégia narrativa. Ao privilegiar aspectos da ancestralidade africana e da atualidade da narrativa, propõem desvendar, na arquitetura da obra, seus motivos temáticos centrais e os aspectos formais em que se percebe o diálogo entre os temas históricos e a contemporaneidade. A narrativa é centrada na personagem Kehinde, uma africana idosa, cega e a beira da morte, que, no final do século XIX, viaja da África para o Brasil em busca do filho perdido há décadas. No percurso da memória, fatos históricos, como a Independência do Brasil, em 1822, e a Revolta dos Malês, em 1835, estão imersos no tempo e espaço das personagens, contextos que permitem a recriação da saga verossímil da história de Kehinde e de todos os negros que representam a diáspora africana em território brasileiro.

Taís dos Santos Abeu (UFRJ/IFRJ) assina o texto “Serendipidade: ferramenta de combate do sofrimento psíquico da maternidade atípica”, em que analisa o artigo objetiva analisar o papel da serendipidade no conto Lia Gabriel, de *Insubmissas*

Lágrimas de Mulheres, de Conceição Evaristo. Busca-se evidenciar a importância desse termo, a partir de uma série de ações e transformações na vida da protagonista. Apesar de situações inusitadas, angustiantes e carregadas de muito sofrimento, foi possível perceber como ela se reinventou, a partir de grande descoberta inesperada que trouxe consequências positivas para sua vida. A autora salienta que, nesse contexto, a serendipidade atua, então, movimentando sua atenção, apresentando novas direções e ampliando, assim, os horizontes para uma jornada transgressora e plena de realizações.

Katria Gabrieli Fagundes Galassi (UFRJ) assina o texto “O psíquico feminino: pensando o sofrimento psíquico desde a infância até a vida adulta da mulher caboverdiana e sua estratégia de cura pela cumplicidade e pertencimento”. Nele, Katria Galassi considera o enredo dos livros *Mornas eram as noites* (1994), *Filhos de Deus* (2018) e *Uma menina de cristal* (2023), focalizando o sofrimento psíquico que perpassa a trajetória das personagens, além da forma como a escritora Dina Salústio direciona seu olhar atento para contexto caboverdiano. A articulista ressalta a maneira como Dina Salústio traz as histórias até nós, leitores, desencadeando um universo de percepções que permite que reflitamos sobre esses corpos femininos por meio de seus dias, suas dores e suas memórias.

O autor Wellington Marçal de Carvalho (UFMG) escreve o artigo “‘Xalada’ e ‘Feliz’: espacialização da violência e da revolta no conto ‘Dina’, de José Luandino Vieira”, em que se encena a desolação da personagem que dá nome ao conto, moradora do musseque Santo Rosa, órfã, obrigada a se prostituir para arcar com o ônus de sua existência. Um acesso de revolta acaba por fazê-la detida. A despeito dos policiais a considerarem louca, sua atitude constitui-se um primeiro e fundamental movimento para dotar de algum sentido o seu estar no mundo. A análise das configurações espaciais encenadas na estória permitiu verificar como a materialidade social se dá, como defende Milton Santos, numa distribuição essencialmente desigual, marcada por uma seletividade histórica e geográfica, ao sabor dos que se consideram donos do mundo.

Focalizando questões sobre o feminino na obra de Mia Couto, Marcelo Franz (USP) apresenta seu texto “E assim se iludiram ter poderes iguais aos das mulheres’: uma leitura do feminino na *Lenda de Namarói*, de Mia Couto”. O conto analisado

integra o livro *Estórias Abensonhadas* (2012) e dialoga com a estrutura de um mito que versa sobre a origem de homens e mulheres. O protagonismo feminino nesta ação mitológica põe as mulheres como criadoras dos homens e detentoras do fogo, importante símbolo do enredo. Buscado pelos homens, o fogo representa o poder da sexualidade feminina. Problematiza-se a expressão narrativa das mulheres num contexto de repressão. Analisa-se, também, os sentidos críticos do conteúdo compartilhado pela narradora e a sua performance enquanto narra, dialogando com a tradição ancestral, o conto aponta para problemas atuais da condição feminina na África.

As autoras Amanda Palomo Alves (UFES) e Liliam Cristina e Souza assinam o “Ensaio sobre a cultura afro-brasileira no conto literário ‘Olhos d’água’, de Conceição Evaristo”, interpretando que ao reinventar a vida com palavras, Conceição Evaristo constrói textos literários e poéticos repletos de significado em um processo de criação a partir de vivências particulares e históricas. Além de trazer para o centro da cena personagens negras, suas obras literárias denunciam o sofrimento psíquico das mulheres afro-brasileiras relacionado a questões como a desigualdade e o preconceito. Portanto, sua proposta é tecer diálogos teóricos por meio dos elementos culturais afro-brasileiros identificados no conto literário “*Olhos d’água*”, como estratégia de subversão e resistência ao lugar de subalternidade e opressão imposto às mulheres negras na sociedade brasileira.

Os autores Genivaldo Rodrigues Sobrinho (UNEMAT) e Letícia Bazeleski Dias (UNEMAT) refletem sobre o “Impacto cultural e a figura materna: representações da mulher cabo-verdiana no conto ‘Mãe não é mulher’, de Dina Salústio”, que integra o livro “*Mornas eram as noites*”. Os articulistas evidenciam aspectos culturais e a representação feminina no conto “Mãe não é mulher”, percorrendo mitos e tradições que moldam a personagem feminina, destacando sua função na transmissão de valores universais.

Janaina de Lima Ferreira (UFPE) articula as vozes de duas escritoras afro-diaspóricas em seu texto “Transescrita das escrevivências literárias de Conceição Evaristo e Miriam Alves” investigando como a literatura negra trabalha a (re)elaboração e suplantação do trauma escravocrata, a partir das teorias da “Escrevivência” de

Conceição Evaristo e da “Transescrita” de Roland Walter, nas obras *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo (2017) e *Maréia* de Miriam Alves (2019). Portanto, a importância deste artigo encontra-se na interpretação da “transescrita das escrituras” como concepção teórica que possibilite ao sujeito negro meios para se inscrever no mundo à medida que modifica e transpassa o trauma da escravidão, para a (re)construção de um mundo (futuro) melhor.

Blenda Souto Maior Belém (USP) também focaliza a produção afrodescendente em “Desafiando os fios de um nó colonial: notas sobre continuidade e ruptura em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo”, propondo refletir sobre os deslocamentos da diáspora negra, os impactos na subjetividade das pessoas negras afrodiaspóricas na contemporaneidade, a relação com o sentimento de não pertencimento e o sofrimento mental e psíquico causados pela memória da escravidão. A autora também considera a escritura, conceito cunhado pela escritora e crítica literária brasileira Conceição Evaristo, para analisar o romance *Ponciá Vicêncio* (2003), como produção literária ficcional que busca conferir novos contornos à experiência histórica negra e à memória da escravidão, se configurando como aparato teórico e metodológico de escrita que se inscreve no interior da Literatura Brasileira e possibilita a recomposição de subjetividades fraturadas pela violência da sujeição.

Em uma análise bastante contemporânea, Camila Rodrigues Francisco (PUC-SP) propõe investigar “Narrativas negras-femininas sobre a pandemia: reencontros e respiros”, que considera a produção de Benaisha na antologia *Literatura Negra Feminina: poemas de sobre(vivência)* publicada em 2021 pelo coletivo Mjiba, organizada por Elizandra Souza e Iara Aparecida, no que tange aos processos de angústia e produção de saúde, dialogando com a intelectualidade das escritoras negras, diante da pandemia da COVID-19.

As autoras Gilcéia Santana Pires (UEFS), Aiala Bastos dos Santos (UEFS) e Marcela Eduarda Santos da Cruz (UEFS) tratam sobre “O racismo estrutural como barreira para a emancipação feminina: uma análise comparativa das obras ‘O despertar’ e ‘Quarto de despejo’”. No texto, evidenciam traços das protagonistas das obras “*Quarto de Despejo: diário de uma favelada*”, de Carolina Maria de Jesus e “*O*

despertar", de Kate Chopin, salientando o racismo como barreira para a emancipação feminina ao comparar as suas trajetórias. As articulistas consideram alguns aspectos que impactam no processo de ressignificação dos papéis das mulheres na sociedade: trabalho doméstico, maternidade, atuação da mulher como provedora da casa, assim como a interseccionalidade, evidenciando que dificilmente haverá emancipação para mulheres negras sem a superação do racismo.

Felipe Chaves Gonçalves Pinto (UT) assina o texto "Da perda incognoscível à busca inatingível: lastros de discursos melancólicos em e sobre *As mulheres de Tijucoapo*, de Marilene Felinto", ressaltando os lastros que podem ser lidos enquanto pistas que sugerem a formatação de discursos melancólicos em e sobre *As mulheres de Tijucoapo*, de Marilene Felinto. A proposta é que uma busca inatingível, derivada de uma perda incognoscível, marcam tanto o *quase-monólogo* de Rísia, a narradora-protagonista, quanto textos que tematizam criticamente a obra. Assim, busca-se discutir esta perda e busca e suas consequências discursivas enquanto análise literária e metateoria crítica. Sugere-se que opressões sociais são motivadoras da melancolia que, por sua vez, inflige ao sujeito segregado e ao possível acolhimento deste sujeito o perigo da manutenção opressiva.

Por fim, na seção de resenhas, temos "Pílulas tragicômicas sobre (e para) mulheres millenials", assinado por Rayssa Duarte Marques Cabral (UNEMAT), que apresenta o livro de Aline Valek, *Neuroses a varejo* (2021). O livro de Aline Valek é composto por quatro contos: "Desaparecida", "Gravidite encefálica", "O que sonham as pílulas" e "Nome sujo". O título chama atenção por combinar o termo mercadológico "varejo" ao termo psicanalítico "neurose", no plural, insinuando não só uma naturalização dos dramas que serão narrados, mas a sua fácil aquisição via formato de *e-book*, podendo ser adquirido facilmente a partir de um dispositivo como o *kindle* ou *smartphone*.

Em nome da equipe editorial, desejamos a todos uma boa leitura e registramos nossos agradecimentos aos avaliadores e aos autores que colaboraram com esta Edição, Volume 17, Número 48.

Organizadores:

Prof. Dr. Jesuino Arvelino Pinto (UNEMAT)

Profª. Dra. Luciana Brandão Leal (UFV)

Profª. Dra. Maria Teresa Salgado (UFRJ)